

Piedade Lino Videira¹José Gerardo Vasconcelos²Elivaldo Serrão Custódio³**Resumo**

Neste artigo trataremos sobre o Povo *Bushi Conde Sama* da Guiana Francesa, que significa: “As pessoas que vivem na Mata” de etnia *Saamaka* que reside às margens do rio Oiapoque na divisa Amapá / Brasil e *Saint Georges* / França, localizado na *Commune Tampack*. Esta pesquisa foi realizada no intuito de conhecer o processo social e histórico, as festas e celebrações culturais/religiosas, bem como o modo de vida e a relação da etnia *Saamaka* com a educação formal francesa. A metodologia utilizada é a pesquisa etnográfica voltada à educação, análise documental e a pesquisa bibliográfica. Para a coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada e a observação. A pesquisa revelou que o currículo praticado no sistema educacional francês, monocultural e eurocêntrico, prioriza as histórias, conquistas e revoluções francesas e europeias e relega ao exotismo, à folclorização ou à invisibilidade as versões da história dos outros povos fundantes da Guiana. Doravante, crianças e jovens que estudam nas escolas da Guiana Francesa, vivem expostas a um processo de aculturação e assimilação cultural propagados, sobretudo, por meio desse currículo oficial.

Palavras-chave: Etnia *Saamaka*. Cultura. Educação. Guiana Francesa.

Abstract

In this article we will deal with the *Bushi Conde Sama* People of French Guiana, which means: “The people who live in the forest” of *Saamaka* ethnicity who lives on the banks of the Oiapoque River on the Amapá / Brazil and Saint Georges / France border, located on *Commune Tampack*. This research was conducted in order to know the social and historical process, the festivals and cultural / religious celebrations, as well as the way of life and the relationship of the *Saamaka* ethnic group with the French formal education. The methodology used is ethnographic research focused on education,

¹ Mestre, Doutora e Pós-doutora em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu da Faculdade de Educação – FACED da Universidade Federal do Ceará –UFC. Atua como docente na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) no Mestrado em Educação (PPGED) e no Mestrado Profissional em Inclusão (PROFEI). Líder do Grupo de Estudo, Pesquisa, Extensão e Intervenção em Corporeidade, Artes, Cultura e Relações Étnico- Raciais com Ênfase em Educação Quilombola – certificado pelo CNPq. E-mail: piedadevideira08@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5325-9073>.

² Pós-doutor em História da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenador do Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME). E-mail: gerardovasconcelos1964@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0559-2642>.

³ Pós-doutor em Educação Quilombola pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutor em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo-RS-Brasil. Atualmente é Professor no Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Amapá e Professor Coorientador no Doutorado em Educação na Amazônia (PGEDA), Associação Plena em Rede-Educanorte – Polo Belém-PA-Brasil. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais (UNIFAP/CNPq). E-mail: elivaldo.pa@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2947-5347>.

document analysis and bibliographical research. For data collection we used semi-structured interview and observation. Research has shown that the curriculum practiced in the French monocultural and Eurocentric education system prioritizes French and European histories, achievements and revolutions, and relegates the versions of the history of the other founding peoples of Guyana to exoticism, folklore or invisibility. Henceforth, children and young people studying in French Guiana schools, are exposed to a process of acculturation and cultural assimilation spread mainly through this official curriculum.

Keywords: Saamaka ethnicity. Culture. Education. French Guiana.

Introdução⁴

Neste artigo abordaremos o povo *Bushi Conde Sama* da Guiana Francesa que significa “As pessoas que vivem na Mata”, especialmente sobre a etnia *Saamaka* que reside às margens do rio Oiapoque na divisa entre Brasil-Amapá e França- *Saint Georges*, e habita a *Commune Tampack*, desde 1920.

O recorte da pesquisa foi motivado pelo acesso que tivemos às narrativas de homens e mulheres guianenses, descendentes dos Povos *Bushi Conde Sama*, especialmente das etnias *Boni/Aluku e Saamaka* que habitam o território da Guiana Francesa, nos meses de janeiro e fevereiro de 2019, ocasião que realizamos a primeira etapa da coleta de dados relativa à pesquisa de pós-doutorado intitulada “Entrelaçamento entre corporeidades negras quilombolas do Amapá e na Guiana Francesa”, realizada no período de 2018-2020, com o objetivo de conhecer/registrar/compreender/analisar e promover o estudo das corporeidades negras dos brincantes das festas de santo e/ou tradicionais culturais/religiosas do Distrito de Mazagão Velho-Estado do Amapá/Brasil, denominada de Festa do Divino Espírito Santo, e das celebrações realizadas pelos povos *Bushi Conde Sama* na Guiana Francesa, especialmente os povos *Boni/Djuka e os Saamakas*, sujeitos da consecução deste artigo.

Durante a nossa estada na Guiana Francesa, tivemos a oportunidade de dialogar com alguns descendentes das etnias *Boni/Djuka e Saamaka*, bem como, com ativistas culturais guianenses que militam em prol da cultura local e estão organizados em diversos coletivos sociais, cujo o objetivo de luta é colocar “na ordem do dia na Guiana”, a invisibilizada problemática racial utilizando para isso o poder de aglutinação e mobilização social das festas e celebrações culturais.

Oficialmente, em decorrência da legislação francesa, sobretudo do princípio

⁴ O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Amapá/Brasil e está registrado com o número 3.621.933.

oitocentista da igualdade que veda recortes raciais, não é plenamente visível estudos que apontam para o acirramento da problemática racial e de origem em meio aos imigrantes e aos nativos. Somente por meio da observação paciente e do contato com os diversos povos que habitam a Guiana Francesa se torna possível enxergar através dos dados estatísticos oficiais, produzidos com um alto grau de esterilidade pelo próprio governo francês, a relevância do problema racial na dinâmica sociocultural e educacional guianense.

Não obstante esses dados estatísticos serem produzidos e tratados de maneira homogeneizante, ainda assim, eles revelam a heterogeneidade da população guianense, composta por ameríndios, *créoles*, franceses metropolitanos, haitianos, martiniquenses, guadalupenses, brasileiros, chineses, dentre outros. Cada uma dessas identidades fragmentadas formam o *éthos* da identidade coletiva da Guiana, mediado pela cultura do colonizador francês. Todos esses povos conferem à Guiana Francesa uma condição sociocultural pluriétnica e multicultural, marcada por intensa disputa pelo aumento de poder político e econômico, de empregabilidade e lastro social. Nessa perspectiva, um dos espaços de intensa mobilização social é a representatividade no currículo oficial das escolas, que consoante o pensamento da antropóloga Ana Julieta Teodoro Cleaver reflete um dos símbolos da dominação francesa (CLEAVER, 2005, p.133).

O cenário atual de intensa disputa na conjuntura social guianense, ora silenciado nas estatísticas oficiais, de alguma forma é fomentado pelo próprio governo francês, sobretudo, na adoção de políticas públicas assistencialistas que prescindem de um projeto qualificado, exequível e viável de reurbanização e promoção do desenvolvimento econômico e industrial da Guiana de forma a melhorar as condições de vida dos povos que a habitam.

É oportuno enfatizar que as políticas públicas assistencialistas são percebidas pelos guianenses como relativo descaso do governo central francês que, além de incentivar o fluxo migratório desde a década de 1960, para o empreendimento do Centro Espacial, provoca o aumento das tensões sociais com elevados índices de natalidade de estrangeiros em solo guianense, principalmente, de haitianos e brasileiros, esses últimos em sua maioria oriundos da região norte do Brasil, em busca de melhores condições de vida.

Conforme aponta os dados do *Institut national de la statistique et des études économiques* – INSEE, as tensões migratórias na Guiana, sinalizam para um cenário difícil, com elevados índices de desemprego; 22% o dobro se comparado à França continental e inimagináveis 80% se considerado apenas o segmento jovem de 15 a 24 anos; expectativa de dobrar a população até 2030 e com 44,3% de pessoas vivendo em situação de pobreza. Todos

esses desafios refletem no sistema produtivo e educacional da Guiana, bem como no aumento dos índices de violência (FRANÇA, 2017).

As principais atividades econômicas da Guiana continuam sendo a extração mineral, principalmente ouro, o Centro Espacial que representa 15% de toda riqueza produzida e os subsídios sociais que correspondem a 35% (FRANÇA, 2017). Podemos inferir diante dos dados apresentados que, embora possuidor de abundantes recursos naturais, o aumento desordenado da natalidade no Guiana, vem produzindo uma massa de pessoas vulneráveis que dificilmente terão a oportunidade de romper com o ciclo de pobreza de seus pais e familiares e em seus países de origem.

Contudo, não temos a pretensão, nesse artigo, de promover um estudo aprofundado no campo sociológico sobre a problemática racial motivada pelo desgovernado processo migratório na Guiana Francesa. Esse assunto poderá ser aprofundado em outro estudo. No momento, interessa-nos, pois, através da narrativa oral de membros da sociedade guianense, conhecer as práticas sociais, modos de vida e processo escolar oportunizado pelo governo francês aos grupos étnicos que formam os *Bushi Conde Sama*.

Queremos ressaltar ainda, que a coleta de dados empíricos que deu origem a este artigo, foi realizada seguindo os procedimentos previstos nas Resoluções n°. 466/2012 e 510/2016 do Ministério da Saúde (MS), que regula o desenvolvimento de pesquisas envolvendo seres humanos. Sempre estivemos atentos como pesquisadores às responsabilidades como corresponsável[eis] pela integridade e bem-estar dos participantes da pesquisa e somos cientes de que sem a colaboração deles, não teríamos condições de desenvolver o estudo proposto, já que a fonte oral e a observação são a base de dados mais relevante para que consigamos ler/interpretar as narrativas históricas, identitárias, culturais e os conflitos raciais revelados nas corporeidades negras que conformam a nova sociedade *créole-guianense*.

Elegemos o viés da cultura para transitarmos pelo campo investigativo, por a entendermos como um ato político, de formação crítica, de tessitura de estratégias de resistência e enfrentamento das desigualdades e de combate ao racismo, para Gilroy (2001) ela transcende a suposição iluminista de separação entre a arte e a vida, a razão e o sentimento, por ser expressão subjetiva das funções miméticas da apresentação artística presentes nos processos de luta rumo à emancipação, à cidadania e por fim a autonomia.

O estudo das práticas culturais do Povo *Saamaka* exigiu de nós, no transcurso dessa pesquisa, conforme ressaltou o autor Wright Mills (1972): trabalho sistemático, para que

munidos de teorias e métodos, possamos adequar e quando necessário criar estratégias de pesquisa, evitando o “fetichismo do método e da técnica”. Ou seja, para que fossemos capazes de utilizar toda essa engrenagem teórico-metodológica com maestria, adequando-a e reinventando caminhos próprios para a realização desta pesquisa, como, de fato foi feito.

Face a natureza da investigação, elegemos o tipo de pesquisa que julgamos adequado para o objeto de estudo. Conforme é esclarecido por Marconi & Lakatos (2002, p. 19), “os critérios para escolha do tipo de pesquisa variam de acordo com o enfoque que o pesquisador queira demonstrar, obedecendo a interesses, condições e objetivos diferentes”.

Em sendo o estudo ora apresentado sobre povos tradicionais e suas histórias, culturas, dimensão racial, sociabilidade e processo escolar, entendemos que a pesquisa de natureza etnográfica nos oportunizaria uma aproximação maior com o campo empírico e com os atores sociais que emprestam suas identidades individuais e coletivas e conforma a realidade, contexto histórico, sociocultural e racial guianense. Problemática esta, pouco estudada na Guiana Francesa (MINAYO, DESLANDES, GOMES 2008; OLIVEIRA, 2003).

Destarte compreendemos que além da escolha dos referenciais teóricos para o bom andamento da investigação e definição de seus aspectos operacionais, outra decisão igualmente relevante era necessária, que consiste na escolha dos instrumentos para a coleta de dados, a qual deve ser bastante criteriosa e adequada. Já que embora haja muitas formas e técnicas de realizar o trabalho de campo, conforme ressalta Minayo, Deslandes e Gomes (2008, p. 63), dois são os instrumentos principais desse tipo de trabalho: a observação e a entrevista: “enquanto a primeira é feita sobre tudo aquilo que não é dito, mas pode ser visto e captado por um observador atento e persistente, a segunda tem como matéria-prima a fala de alguns colaboradores/as”.

Elegemos, portanto, a entrevista e a observação como instrumentos para a coleta de dados, por percebermos que o campo de investigação tendo a cultura como centro, precisa ser interacional, ou seja, precisa ainda, a despeito do que afirmam Minayo, Deslandes e Gomes (2008, p. 61) de:

uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela [a entrevista] tem objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo.

Sendo assim, optamos pela entrevista semiestruturada, através da utilização de um roteiro/questionário semiestruturado contendo perguntas de fácil compreensão e objetivas, para evitar interpretações errôneas pelos entrevistados, que em sua expressiva maioria, no que concerne o território da Guiana Francesa, não falam português, nem nós pesquisadores o francês (língua do colonizador) e o *créole* (língua materna dos guianenses), mas, mesmo com a dificuldade de ambos os lados, pesquisadores e colaboradores quanto ao domínio da língua, esta não foi empecilho para que as entrevistas fossem realizadas com sucesso.

Com base no resultado da aplicação dos instrumentos para a coleta de dados, obtivemos dados empíricos suficientes para a elaboração deste artigo, o qual foi subdividido em três seções. Na primeira, faremos uma breve abordagem sobre o processo histórico da imigração da Etnia *Saamaka* do Suriname para a Guiana Francesa. Na segunda, trataremos sobre o território onde habitam os *Saamakas* em *Saint Georges*, desde 1920.

E, por fim, na terceira e última seção, daremos ênfase ao processo escolar dos *Saamakas*, que acontece na rede pública francesa, tendo por base um currículo eurocêntrico baseado exclusivamente na história, cultura, identidade racial, patrimônio cultural/religioso, geografia, hábitos e costumes do francês metropolitano, francófono, em detrimento das culturas e identidades *créoles*, ameríndias, brasileira, haitiana, surinamense, guadalupense, martiniquense entre outras, todas sem exceção, subalternizadas, deturpadas, folclorizadas, negadas e marginalizadas no cotidiano escolar, tendo em vista que nas escolas locais todas as identidades emergentes e não-hegemônicas são ocultadas no currículo oficial das Instituições de Ensino.

A chegada dos *Saamakas* na Guiana Francesa

Os *Bushi Conde Sama* adentraram o território da Guiana Francesa através do rio *Marroni* fugindo da escravidão na Guiana Holandesa, atual Suriname. Devido às intempéries enfrentadas pela França em povoar a região, havia escassez de pessoal para realizar o controle da fronteira com o Suriname e com o Brasil, fato esse que facilitou a fuga de africanos escravizados que se estabeleceram às margens do rio que delimita os territórios.

O senhor Apoyou, um chefe da etnia *Boni*, relata que os “*Bushi Conde Sama* vieram convidados pelo governo Francês para protegerem as fronteiras por serem exímios canoieiros e conhecedores da região e das práticas de navegação no alto *Marroni*.” Dessa forma, prossegue ele “nosso povo nunca foi escravizado”.

Essa história é repetida por várias pessoas das seis etnias que formam o povo *Bushi Conde Sama*, conforme Cavlak (2016) *apud* o historiador Mam Lam Fouck e Anakesa (2013) de fato, houve mesmo uma deliberação francesa em contratá-los como trabalhadores livres

Diante dessa falta de trabalhadores, uma ideia foi delimitada pelo Barão de Bessner, por volta de 1782, consistindo em estabelecer tratados com os negros quilombolas (marrons) do Suriname para que viessem habitar Guiana. Como não seriam escravizados, e sim contratados, causou espécie nos senhores de escravos plenos que temiam a contaminação ideológica desses “guerreiros do alto Marroni”, podendo resultar na falência completa do sistema escravista. O projeto logo foi descartado (CAVLAK, 2016, p.4).

No entanto, depreende-se do trecho supramencionado que essa possibilidade foi logo descartada pelo governo francês devido os “perigos ideológicos” que resultaria, o que contradiz parcialmente as narrativas. Não obstante os relatos orais dos povos *Bushi Conde Sama* descreverem que eles viveram livres no território guianense, Mam Lam Fouck e Anakesa (2013) acreditam que a combinação de escassez de pessoal do lado Francês e o desconhecimento da navegação nos rios da região contribuíram para a não localização dos escravizados que fugiam da Guiana Holandesa (atualmente Suriname) o que lhes possibilitou exercer a liberdade no território da Guiana Francesa com relativa anuência do governo francês.

A viagem pelo rio Oiapoque-AP

Iniciamos a nossa viagem até o território dos *Saamakas*, denominado *Commune de Saint Georges de L'Oyapock - Tampak*, às 8h30 da manhã do dia treze de abril de dois mil e dezenove, num sábado. Há tempos sonhávamos conhecer algum dos territórios onde vivem os *Bushi Conde Sama* formados por seis grupos étnicos que habitam o Platô das Guianas, quais sejam: *Saamaka, Djuka, Boni/Aluku, Kwenri, Marawais e Paamaka*. O conjunto dessas etnias é pejorativamente apresentado em matérias jornalísticas e até mesmo por pesquisadores/as da área de antropologia, de “*Noir Marrons*” ou “*Bushinengué*”, ambos considerados por eles carregados de estereótipo negativo, cunhados pelo colonizador europeu para referir-se a eles como: “Negros do Mato, fugitivos”.

Essas denominações pejorativas, além de refutadas pelos *Bushi Conde Sama* são totalmente desprovidas do sentido e do significado histórico atribuído pelos grupos étnicos a seus ancestres e a si, como também não refletem seus processos de luta, marcada pela insurgência e resistência ao colonizador para serem reconhecidos como sujeitos de direito, a

ter uma história própria e a poder falar por si mesmos, sem intermediários, referendando positivamente, a partir de seu contexto histórico, seus atos de bravura e protagonismo político e social, ainda que, em terras dominadas pelo cultura do colonizador francês.

Figura 1 - Chegada ao *Tampack*



Fonte: Os autores (2019)

Destarte, esses adjetivos pejorativos sintetizam estratégias de dominação cultural, outra face da colonização francesa na Guiana, com o intuito de, se não for possível dominá-los fisicamente, folclorizá-los, caricaturá-los, confundi-los e aliená-los, bem como, deturpar sua cultura, valores civilizatórios e humanidade, estratégia que produz efeitos até os dias atuais, como é possível observar na narrativa dos que os consideram “povos distantes que ainda se escondem nas matas”.

O trajeto que percorremos para chegar no *Tampack* foi realizado de canoa pelo rio Oiapoque, de abundantes águas escuras, límpidas, misteriosas e margeado pelo manto verde da floresta amazônica. Durante a viagem, uma chuva moderada e espaça caiu do céu provocando um silencio ensurdecedor nas cinco pessoas, seis comigo, que ocupávamos a embarcação e tornando a viagem ainda mais contemplativa. Essa contemplação silenciosa nos permitiu observar o movimento constante de pessoas num ir e vir rio abaixo - rio acima, e experimentar o cotidiano dos Povos da Floresta para quem os rios são as estradas que conduzem seus destinos.

A paisagem, o silêncio e a contemplação enterneceram-nos, deixando aflorar os sentimentos mais sutis durante a viagem até *Tampack*, de forma que antes mesmo de chegarmos pessoalmente no território *Saamaka*, em preces pedimos permissão dos Ancestrais e dos guardiões do lugar para irmos até lá. O trajeto curto, demorou em média 20 minutos para que o pai do nosso colaborador nos conduzisse em segurança até nosso destino,

respeitando a correnteza do rio. A chuva que nos acompanhou chegou junto conosco à Comunidade tornando ainda mais especial a nossa visita ao local, por nos propiciar um pequeno espetáculo de cores na floresta.

Já no porto, avistamos e fomos avistados por *Nazir*, seus pais, outros anciões e por indígenas adultos e crianças que espiavam o *Nazir* acender o fogo para assar tambaqui, carne de boi e de caça para o almoço. Todos envolvidos nos afazeres e embalados por uma conversa idílica, numa atmosfera e ar bucólicos, familiar e tranquila, na qual a dinâmica da passagem do tempo adquire outros significados.

Finalmente, conseguimos pisar no solo dos *Saamaka* do *Tampack* e fomos recebidos com generosa atenção e acolhimento. Cumprimentamos a todos *Saamakas* e indígenas e fomos convidados por eles (as) a nos sentar, guardar nossos pertences e nos aconchegarmos. Em seguida nos foi oferecido bananas e rambutãs cultivadas pela comunidade. Sentamos, comemos e a conversa fluiu naturalmente e de maneira descontraída e ao mesmo tempo direcionada às questões que motivaram a nossa pesquisa.

O território *Saamaka- commune de saint georges de Oyapoque/ Tampack*

Os *Saamakas*, como vimos na primeira seção, não chegaram a ser escravizados na Guiana, exímios canoieiros que eram, logo dominaram a navegação dos rios da região, passando a auxiliar na mobilidade dos colonizadores franceses pelo Rio Oyapoque e seus afluentes como uma espécie de estradas navegáveis.

Inicialmente, os *Saamakas* habitaram o local denominado ‘Cabeceira’ que fica ao norte do Rio Oyapoque e à oeste do oceano Atlântico, todavia, a geografia do local os impedia observar quando os navios se aproximavam, fator preponderante para o exercício de sua atividade como guias-canoieiros. Por isso, em mil novecentos e vinte se mudaram para o local atual *Tampack*. Quanto a origem do nome, existem duas versões veiculadas na comunidade, a primeira é de que seria o nome de um ameríndio da etnia *Palikur* que habitava a região e a segunda é de que seria um comerciante da etnia *Hmong*. Os *Hmongs* são oriundos da república democrática popular do Laos que se refugiaram na Guiana durante a Guerra do Vietnã, a quem os guianenses em geral se referem pejorativamente com “*chinois*” e que dominam o comércio em toda a região.

A comunidade dos *Saamakas* que vive no *Tampack*, na atualidade, segundo o depoimento oral de *Nazir*, é composta por doze famílias, sendo seis *Saamakas* e quatro

ameríndias. O restante, mais de cem membros, migrou para *Saint Georges* e apenas alguns deles retornam aos finais de semana para se reconectar a seus conterrâneos. Vale mencionar que a união matrimonial interracial entre indígenas e negros na fronteira entre Amapá e *Saint Georges* é comum.

Atualmente, apenas os idosos e as crianças que ainda não iniciaram o período escolar formal moram efetivamente no *Tampack*. Os demais, jovens e adultos em idade produtiva, migraram para *Saint Georges* a fim de conquistar postos de trabalho, buscar diversão e frequentar as instituições educacionais. No entanto, a difícil realidade vivida pelos jovens na região da Guiana Francesa, com elevadas taxas de desemprego e baixa perspectiva de melhoria na qualidade de vida, conforme dados do Institut national de la statistique et des études économiques - INSEE (FRANÇA, 2017), faz com que a maioria desses jovens - homens - negros permaneçam durante dias e noites nas esquinas de *Saint Georges* ociosos, o que favorece o consumo de entorpecentes.

Na conversa/entrevista que realizamos na manhã de sábado, treze de abril de dois mil e dezenove, com *Elford Nazir*, de 36 anos, ele nos revelou que a juventude não aprecia o local, por considerá-lo parado, calmo, sem diversão. Pode-se inferir que as buscas e anseios que perpassam pelo imaginário dos filhos mais jovens da comunidade, e que os levam para a área mais central de *Saint Georges* como também para *Cayenne*, *Kourou*, por exemplo, têm provocado o afastamento dos jovens de sua cultura e promovido o enfraquecimento do patrimônio cultural do povo do *Tampack*. Constatamos que a juventude *Saamaka* não atinou para o fato de “a cultura ser a base da identidade” conforme enfatizou *Nazir*. Logo, ela representa o papel de ligação e repasse de geração a geração do cabedal de conhecimentos cunhados por estas Etnias, necessários para a perpetuação e continuidade de sua existência (BÂ, 1972).

Fazendo um paralelo com a problemática vivenciada pelos povos quilombolas e indígenas no Brasil, em que a defesa do território, posse e gestão da terra, ensejou e enseja insurgências, enfrentamentos contra a invasão, muitas vezes do próprio Estado brasileiro, bem como a reivindicação de políticas públicas e privadas a fim de atender suas demandas por programas específicos no âmbito da educação, saúde, emprego, renda, moradia, desenvolvimento econômico e sustentável, valorização, respeito, salvaguarda e a promoção desses territórios pelos seus herdeiros, mostram um caminho de organização política ainda distante dos horizontes dos *Bushi Conde Sama* na Guiana. Ademais, as necessidades desses povos são abstraídas e homogêneas, em virtude da adoção de princípios de maneira

universalizante pela França que diluem suas identidades individuais e promovem sua invisibilidade social operando a máxima generalista contida no princípio de que “todos são iguais”.

No Brasil o ponto de inflexão na relação entre os povos quilombolas e seus territórios, ocorreu no momento em que eles se conscientizaram sobre a relevância da terra e sobre suas riquezas, potencialidade e possibilidade de desenvolvimento coletivo de modo sustentável e durável. Houve, portanto, uma ruptura na lógica equivocada de pensar o território por esses povos e pelos de fora, como “lugar do atraso”, isolamento, improdutivo e relegado ao abandono sociorracial e estatal.

Os territórios quilombolas que inicialmente figuravam como local do atraso, sem atrativos, sem perspectiva de desenvolvimento e melhoria da condição de vida de seus herdeiros, passaram a ter outra conotação, de patrimônio cultural repleto de riquezas naturais, humana, material/imaterial, que mesmo repleto de problemas sociais, conflitos agrários, ausência do estado e limitações econômicas, precisava ser valorizado como um bem coletivo que para não ser extinto deve ser reivindicado e cuidado pelo conjunto da comunidade.

Para as gerações atuais do Brasil ou da Guiana Francesa, quilombolas ou *Saamakas*, espera-se o firme propósito de desenvolver políticas buscando formação educacional adequada em áreas de conhecimento que tragam mudanças positivas nas perspectivas sobre a comunidade e que dialoguem com a proteção à terra, à coletividade, mediante seu desenvolvimento sociocultural e econômico sustentável.

Essa mudança de perspectiva já faz parte da agenda de reivindicações dos povos quilombolas e indígenas do Brasil que tem mudado, ainda que lentamente, o olhar dos jovens sobre a cultura e a valorização das comunidades tradicionais. Na Guiana, *Nazir* sinaliza igual processo de mudança da percepção dos jovens *Saamakas* frente ao seu território com sua própria história de vida. Quando adolescente, dos 13 aos 17 anos, ele “odiava voltar ao *Tampack* e ir à Comunidade Santa Izabel de etnia *Karipunas*, localizada no Município de Oiapoque-Amapá, de onde descende sua mãe indígena”. Com o passar do tempo, ao completar 18 anos e ser advertido sobre a importância de sua cultura, identidade e território, seu pensamento começou a mudar e, hoje, *Tampack* e o território indígena de sua mãe, são os locais que ele mais “ama e procura estar sempre que pode”. Considerando que a formação identitária inicia-se com o aprendizado político como sujeito crítico, participativo a qual para o antropólogo (MUNANGA 2004, p. 14) é

sempre um processo e nunca um produto acabado, não será construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social e etc. Esses elementos não precisam estar concomitantemente reunidos para deflagrar o processo, pois as culturas em diáspora têm de contar apenas com aqueles que resistiram ou que elas conquistaram em seus novos territórios.

Nessa perspectiva, para *Nazir*, sua formação identitária teve como ponto de partida sua autoidentificação com a herança de seus ancestrais que por sua vez está intimamente ligada ao território. Entretanto, o processo de valorização cultural deve ocorrer de forma integrada entre núcleo familiar, comunidade e escola a fim de oportunizar o envolvimento e o aprendizado de crianças e jovens acerca de sua própria história, pois segundo nosso colaborador

a pessoa tem que vir de livre e espontânea vontade para aprender sobre a cultura. Não se pode forçar. O problema é que as pessoas não se interessam em aprender sobre sua cultura. Você deve aprender sobre sua cultura para não esquecer ao entrar em contato com a cultura do outro (NAZIR, entrevista realizada em 13/04/2019).

A preocupação do *Nazir* é pertinente, haja vista que todos os nossos colaboradores de pesquisa, sejam eles pertencentes às associações culturais guianenses, de *Sinnamary e Bushi Conde Sama*, demonstraram o mesmo receio com o risco da descontinuidade de suas manifestações culturais, porque as crianças e jovens não demonstram interesse em aprendê-las. E se não aprenderem, por certo, como todos enfatizaram, ficarão vulneráveis ao processo de aculturação que as levará à perda de seu patrimônio cultural. Realidade já vivida pelos *Saamaka*, conforme ressaltou *Nazir*, que não mais realizam celebrações com o uso de tambores, porque não aprenderam a fabricar e a tocar os instrumentos, fato que causou uma cicatriz cultural na comunidade.

As moradias e a vida comunitária

No que concerne às moradias dos *Saamakas* no *Tampack*, todas são construídas em madeira e não são separadas por cercados. O uso e o usufruto do território são coletivos aos descendentes dos *Saamakas* e ameríndios que coabitam o local. Essa convivência coletiva pode ser observada, por exemplo, na produção de alimentos cultivados por meio da agricultura familiar: farinha-de-mandioca (*Kuwaka*), banana, legumes e a extração de frutos nativos da região como açaí, bacaba, tucumã, mucajá, inajá, dentre outros, os quais são compartilhados entre os moradores que ficam e pelos que retornam aos finais de semana para reviver momentos em comunidade. E, no caso do *Nazir*, “aprender a tradição com os mais

velhos, especialmente com seu pai, que se chama Elfort Cecilon (65 anos), membro/guardião da sociedade dos *Saamakas* que visa preservar e proteger a cultura de seus ancestrais.

Cumpramos ressaltar que a base alimentar dos povos do *Tampack* é a agricultura de subsistência, comum na Amazônia, reforçada pela extração das riquezas da floresta nativa. Nesse sentido, a localização geográfica do território *Tampack* é privilegiada, pois, a vista frontal é o Rio Oiapoque de onde retiram o pescado, sendo que ao fundo encontra-se o cinturão verde da floresta amazônica repleta de biodiversidade que os supre com animais, como tatu, cutia, veado, paca, porco-do-mato, entre outros, retirados da mata, exclusivamente, para a alimentação das famílias. Ademais, devido ao enorme potencial hidrográfico da região, a comunidade não enfrenta problemas com a escassez de água.

A gestão do território realizada pelos Ancestrais Divinizados e pelos anciãos da comunidade

Consideramos relevante mencionar que a nossa ida ao território *Tampack*, só foi possível após contato e pedido de autorização aos moradores mais velhos e aos seus ancestrais. Na oportunidade, contamos com a colaboração de um amigo filho de *Saamaka* com mãe indígena que intermediou o contato.

Figura 2 - Vista da Comunidade



Fonte: Os autores (2019)

Ao chegarmos à comunidade, a primeira palavra que proferimos ao descer da canoa foi *Agô* que significa licença na língua nas línguas africanas, somente após isso é que adentramos o território.

É relevante frisar que a gestão do território *Saamakas* acontece com a orientação de seus Ancestrais Divinizados. Logo na frente, vemos a edificação em madeira coberta de palha de palmito de inajá, na qual está assentada a ancestral '*Gadou a Caminhar*'-, divindade da água que está de frente para o volumoso rio Oiapoque. Na área central da Comunidade está assentado outro Ancestral que se chama '*Wenti osou*'-, Casa do Vento e, por fim, na parte mais ao fundo da comunidade, sem ser vista por pessoas de fora do lugar, nem por mulheres da comunidade em idade fértil e durante o ciclo menstrual e nem pelas crianças, está assentada a divindade feminina, secreta, denominada de '*Gadou Pisi*'-, Protetora da Mata.

A religiosidade *Saamaka* é professada através do culto aos Ancestrais nos quais cada divindade têm uma função específica. É facultado aos anciãos, aos adultos e às mulheres que chegaram à menopausa autorização para participarem “dos rituais religiosos e secretos que acontecem geralmente na segunda semana do ano novo ou de acordo com a orientação das Divindades” (NAZIR, entrevista realizada em 13/04/2019).

Os pedidos e oferendas são feitos aos ancestrais citados e segundo nossos colaboradores também diretamente a *Gan-Gadu*, Deus na língua materna *Saamaka* denominada *Saa Nãn e/ou Saa Nan*, uma variação dos idiomas dos *Nenguetamgo e/ou Saranang Tonga* preservadas pelos *Saamakas* que habitam o Suriname. Caso o pedido seja referente “à cura de alguma doença, a Divindade o recebe e, se puder aconselhar e orientar sobre o tratamento da enfermidade, o faz, caso não possa, aconselha o requerente a procurar outros mecanismos de cura” (ELFORT CECILON, entrevista realizada em 13/04/2019).

Figura 3 - Comunidade *Tampack*



Fonte: Os autores (2019)

Depois que os *Saamakas* foram habitar o território *Tampack*, e com à aproximação com a crença e religiosidade judaico-cristã, eles passaram a respeitar algumas “datas sagradas” do calendário católico-cristão como, por exemplo, a semana santa, a páscoa e o natal. Todavia, segundo *Nazir*, nenhum deles passou a professar as religiões cristãs, diferentemente, dos *Saamakas* que moram no Suriname em que a interferência dessas religiões tem ocasionado a destruição do patrimônio cultural *Saamaka*, em virtude de serem proibidos de participar dos eventos culturais da comunidade devido à ideologia fundamentalista que têm provocado o acirramento do racismo religioso e disseminado a intolerância direcionada, principalmente, às culturas negras e ameríndias.

Ainda, de acordo com os relatos de *Nazir*, durante os cultos evangélicos são recorrentes expressões como “cultura e religiosidade diabólica e demoníaca” proferidas pelos pastores nas congregações neopentecostais. O conteúdo dessas falas, atitudes e comportamentos, símbolos do racismo cultural/religioso, também têm chegado aos territórios quilombolas e indígenas no Brasil suscitando perdas e danos irreparáveis ao patrimônio cultural dessas Comunidades. Nesse diapasão, conforme observou Prandi (2004, p. 230):

A derrota das religiões afro-brasileiras é item explícito do planejamento expansionista pentecostal: há igrejas evangélicas em que o ataque às religiões afro-brasileiras e a conquista de seus seguidores são práticas exercidas com regularidade e justificadas teologicamente. Por exemplo, na prática expansiva de uma das mais dinâmicas igrejas neopentecostais fazer fechar o maior número de terreiros de umbanda e candomblé existentes na área em que se instala um novo templo é meta que o pastor tem que cumprir.

Não obstante, observa-se a reprodução dessas mesmas práticas predatórias das igrejas neopentecostais em territórios negros localizados no Suriname e na Guiana Francesa, como é o caso do território da etnia *Saamaka*, demonstrando que o projeto expansionista dessas instituições transcende o caráter nacional.

Kashimodo: a festa pública dos Saamakas

É comum nos territórios negros, a celebração do patrimônio cultural/religioso a partir de um conjunto de festas tradicionais que são realizadas em datas específicas, por diversos motivos, que vão desde a crença no culto aos Ancestrais Divinizados, da celebração dos santos de devoção, de nascimentos e falecimentos, até ao agradecimento e pagamento de promessas. Para Oliveira (2003) a construção da tradição é coletiva e a identidade é encontrada na tradição, da qual fazem parte os elementos da cosmovisão africana.

No que concerne aos *Saamakas* que habitam *Saint Georges*, *Nazir* explica que após a mudança de alguns de seus entes para o centro da vila e de outros para *Kourou*, houve um relativo enfraquecimento das festas culturais no *Tampack*. Ocasionado pelo falecimento dos/as anciãos/ãs que não transmitiram seus conhecimentos aos membros da comunidade. Por exemplo, o conhecimento referente à extração da madeira e o domínio da técnica de confecção dos instrumentos de percussão indispensáveis para a realização das festas *Saamakas* que foram esquecidos com o passar dos anos.

Na atualidade, uma das festas realizada pelos *Saamakas* é nomeada de *Kashimodo* e acontece após a celebração da semana santa do calendário cristão. Na ocasião, *Tampack* fica repovoado por seus/uas filhos/as que vivem no local e pelos que voltam para se reencontrar com seus conterrâneos.

A música, ante a ausência dos tambores, fica a cargo de som mecânico de ritmos comerciais da Guiana Francesa, países africanos, Suriname, Martinica, Guadalupe e também os ritmos brasileiros, já que o que divide o território *Saamaka* do Amapá, é o rio Oiapoque que enche e vaza e promove o encontro/ reencontro frequente entre as pessoas que residem nos dois contextos históricos e socioculturais. No entanto, “os tambores são considerados os instrumentos mais importantes porque representam a voz do ritual”, de modo que a utilização do som mecânico desfigura o ritual por faltar-lhe um elemento tradicional que é o som dos tambores (PEREIRA, 2005, p.102).

Porém na atualidade, tem sido uma grande preocupação para os filhos *Saamakas* do *Tampack*, tentar reverter o cenário de enfraquecimento da cultura local através de um conjunto de iniciativas, dentre as quais, o repovoamento do território.

A tentativa de repovoamento de *Tampack*

A população *Saamaka* começou a diminuir com o passar dos anos no *Tampack*. Grande parte dos membros da Comunidade, principalmente os jovens e adultos em idade produtiva, foram obrigados a ir embora, inclusive para outros países, por motivos diversos, entre os quais a busca por educação, qualificação e colocação profissional dentro e fora do território francês. No *Tampack* permaneceram os anciãos, crianças e algumas mulheres que recebem algum tipo de seguro social.

Diante do agravamento da situação e temendo a descontinuidade da cultura e da história *Saamaka*, houve por parte de alguns membros da comunidade, a tentativa de frear o fenômeno em curso, através de uma proposta de “repopoamento do *Tampack*” apresentada ao prefeito de *Saint Georges*, à época, *George Elfort*.

Diante desta propositura, a partir do ano de dois mil e seis, pessoas da etnia *Saamaka* que viviam em *Kourou* oriundos do Suriname foram convidados a residir no território *Tampack* no intuito de repovoar o local. Para incentivá-los a migrar para *Tampack* foram-lhes oferecidos pelo Prefeito de *Saint Georges* alguns benefícios, dentre os quais a *Carte du Sejour*, que possibilitava a permanência, mobilidade social e acesso à saúde e educação formal na região da Guiana. No entanto, os novos habitantes, de posse da *Carte du Sejour* permaneceram apenas por aproximadamente dois anos no *Tampack*. A grande maioria foi embora em busca de oportunidades de emprego e acesso à educação, sendo que atualmente, apenas seis famílias ocupam o território, como já dito.

A educação dos *Saamakas*

Os *Bushi Conde Sama*, em geral, consideram que a educação de crianças e jovens sobre sua história, cultura, identidades, religiosidades e cotidiano, é responsabilidade principal das famílias e não da escola. Nessa perspectiva, o modo de vida *Saamaka* conflita frontalmente com a educação francesa, baseada em preceitos cristãos e repassada de forma universalizante em que há pouco espaço para aflorar identidades coletivas e individuais diferente da cultura francesa metropolitana (CLEAVER, 2005).

Na visão dos guardiães *Saamakas*, o fato da escola ensinar exclusivamente no idioma francês “torna difícil para os *Bushi Conde Sama* que se expressam em outro idioma” compreender o conteúdo escolar. Ainda de acordo com o guardião *Saamaka* (2019) “é difícil zelar e guardar a cultura nas escolas já que a família é importante na tradição cultural, pois ela ensina tudo que envolve religião; a família não é apenas o pai e mãe, são os tios, as tias, o

irmão, as irmãs, avós e toda a comunidade a qual é responsável pela educação das crianças”. Cosmovisão que se contrapõe à educação ocidental que, normalmente, restringe à escola a tarefa de ensinar valores morais, culturais e filosóficos aos estudantes.

Ademais, o currículo praticado no sistema educacional francês, monocultural e eurocêntrico, prioriza as histórias, conquistas e revoluções francesas e europeias e relega ao exotismo, à folclorização ou à invisibilidade as versões da história dos outros povos fundantes da Guiana. Doravante, as crianças e jovens que estudam nas escolas da Guiana Francesa, vivem expostas a um processo de aculturação e assimilação cultural propagados, sobretudo, por meio desse currículo oficial, segundo Mam Lam Fouck e Anakesa (2013) e Cleaver (2005).

A despeito dos problemas curriculares, a situação no *Tampack* se agravou, mais ainda, quando a única escola do lugar foi fechada e as crianças e jovens em idade escolar ficaram obrigadas a se deslocar para o centro da vila de *Saint Georges e/* ou a outras localidades da Guiana para continuar seus estudos.

O fechamento da escola impulsionou fortemente o processo migratório dos *Saamakas*, promovendo o enfraquecimento da cultura local e o esquecimento de algumas práticas culturais, colocando em risco a continuidade da história e do legado cultural *Saamaka* no *Tampack*.

Considerações Finais

O estudo revelou que os adultos e os jovens abandonam o *Tampack* em busca de oportunidades de emprego e qualificação profissional e, também, por considerá-lo parado, calmo e sem diversão. Consequentemente, a ausência dos jovens e adultos no território os afastam das celebrações culturais, o que contribui para o enfraquecimento do patrimônio cultural dos povos *Saamaka* no *Tampack*. Destarte, a juventude *Saamaka* ainda não atinou para o fato de “a cultura ser a base da identidade” e a identidade por sua vez ser a base da resistência da comunidade.

Ademais, os *Saamakas* veem suas necessidades culturais abstraídas, homogêneas e invisibilizadas, em virtude de princípios universalizantes adotados pela França que diluem as identidades individuais, promovendo a assimilação de todos à “cultura-mãe” francesa. Nesse sentido, as crianças e jovens *Saamakas* que estudam nas escolas da Guiana Francesa,

vivem expostas a um processo de aculturação e assimilação cultural propagados, sobretudo, por meio do currículo oficial praticado pelas Instituições educacionais.

A desativação da única escola que existia na comunidade impulsionou fortemente o processo migratório dos *Saamakas*, promovendo o enfraquecimento da cultura local e o consequente esquecimento de algumas práticas culturais, colocando em risco a continuidade da história e do legado cultural *Saamaka* no *Tampack*.

Não obstante, evidencia-se um sinal de mudança de percepção dos jovens *Saamakas* frente ao significado do território e da cultura, conforme demonstra a história de vida do nosso colaborador *Nazir* que de adolescente que “odiava voltar ao *Tampack*” se transformou num defensor da história e da cultura dos seus ancestrais, num processo de resistência e reconquista de sua formação identitária.

Dessa forma esse movimento de renovação e reconquista ressurgido na Comunidade *Tampack* reivindica uma educação intercultural que possibilite o envolvimento e o aprendizado de crianças e jovens acerca do significado de sua própria história e cultura sem, contudo, ser considerada uma subcultura em relação a cultura francesa, tida como hegemônica.

Referências

BÂ, Amadou Hampâté. A educação tradicional na África. **Revista THOT** n. 64, 1997, p. 23-26. Texto original editado em francês como capítulo do livro: *Aspectos de la Civilization Africaine*, Paris, ed. *Présence Africaine*, 1972.

CAVLAK, Iuri. História da Guiana Francesa. Do início da colonização até a invasão portuguesa de 1808, 2016, p. 1-10. In: XII Encontro Internacional da ANPHLAC, n.12, 2016, Campo Grande-MG. **Anais...** Campo Grande: UFMS, 2016. Disponível em: http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/Iuri%20Cavlak%20_Anais%20do%20XII%20Enc%20ontro%20Internacional%20da%20ANPHLAC.pdf. Acesso em: 18 fev. 2020.

CLEAVER, Ana Julieta Teodoro. “**Ni vue, ni connue**”: a construção da nação na Guiana Francesa. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2005.

FRANÇA. **Institut national de la statistique et des études économiques** (INSEE), 2017. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/accueil>. Acesso em: 15 jan. 2020.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira, - São Paulo: ed. 34. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

MAM LAM FOUCK, Serge; ANAKESA, Apollinaire. **Nouvelle histoire de la Guyane**: des souverainetés amérindiennes aux mutations de la société contemporaine. Matoury: Ibis Rouge, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão Africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com Axé: Candomblé e Umbanda no Mercado Religioso. **Estudos Avançados**, ano 18, n. 52, 2004, p. 223-238. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/tFh5DWhR8wWVWNsXL4Z9yxv/?lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2020.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Os tambores estão frios**: herança cultural e sincretismo religioso no ritual de candombe. Juiz de Fora: Funalfa Edições. Belo Horizonte: MAZZA Edições 2005.

WRIGHT MILLS, Charles. Apêndice: do artesanato intelectual. In: WRIGHT MILLS, Charles. **A imaginação sociológica**. 3 ed. Rio de Janeiro Zahar, 1972, p. 211-243.